

# MIMO DE VÊNUS

DANIELA KOPSCH

AMOSTRA



AMOSTRA

Para Balneário Piçarras.

AMOSTRA

*Se abrissemos as pessoas, encontraríamos paisagens.  
Dentro de mim, se me abrissem, encontrariam praias.*

Agnès Varda

# Paisagens mentais

## 1

DURANTE VINTE E TRÊS dias, Miguel Oliveira me visitou regularmente. Chegava por volta do meio-dia e partia um pouco antes das duas. Quando batia à porta e eu abria, ele fazia uma cara de surpresa, como se depois de ir embora e retomar seus assuntos, seu trabalho e sua casa, eu deixasse de existir para ele, como se pudesse se esquecer de tudo, até do meu rosto. Comigo não era assim. Pensava nele mesmo quando me ocupava com outras coisas, mesmo quando estava dormindo, quando trabalhava, quando jantava na casa dos meus pais ou quando conversava com meu marido ao telefone. Pensando em Miguel, eu pensava em outras coisas.

E mesmo assim, depois de passar tanto tempo com a imagem de Miguel na cabeça, elaborando diferentes cenas e diálogos, situações hipotéticas e conjecturas, não deixava de ser surpreendente tê-lo materializado na minha frente. Ele. Não é como se não fizesse jus ao homem que eu tinha criado na minha imaginação. Tinha, sim, algumas diferenças no que se refere à estatura, detalhes do formato do corpo, a cor dos olhos (variavam de acordo com a luz) e às vezes aparecia algum defeito que eu teria com certeza ocultado em minhas fantasias (certa vez, quando sorriu, tinha um pedaço de salada preso nos dentes). Mas, em geral, sua figura era bastante familiar e já estava consolidada na minha memória. Eu não tinha dificuldade nenhuma para projetá-lo quando quisesse, como um filme sempre em cartaz.

Minha hesitação não vinha apenas do fato de ele finalmente estar ali em pessoa, mas também da dúvida sobre o que faríamos em seguida. Em outras palavras: haveria sexo? Essa pergunta girava na minha cabeça e eu não ousava fazer previsões. Costumava fingir

que sua visita era mais do que natural, oferecia um café, uma água e falava de banalidades até que o momento da revelação tomasse forma, às vezes num toque acidental, às vezes numa aproximação lenta e calculada. Depois que isso acontecia, eu pensava, mas é claro, como fui boba, claro que haveria sexo. Mas essa clareza eu tinha depois, nunca antes. Antes de ir para cama com Miguel, a incerteza me estimulava a seguir em frente. A curiosidade me fazia pensar que eu estava prestes a entender alguma coisa que não tinha entendido antes. Que haveria algo de inédito a ser descoberto. Não é isso o que leva as pessoas a se apaixonarem, acreditando sempre que estão vivendo uma nova história, uma aventura totalmente diferente das outras? O amor é, antes de tudo, uma espécie de esperança.

Quando Miguel estava por perto, eu costumava observá-lo a fim de registrar tudo. Queria guardar a energia daqueles momentos sabendo que recorreria a eles depois. Precisava dos detalhes mais inúteis para abastecer minhas paisagens mentais. Assim, tentava memorizar: o ponto exato de contato entre uma língua e um pescoço, o efeito desse contato nos pelos do seu braço, o sussurro de alívio final, o timbre da sua voz, o meu nome na sua boca, o movimento que a língua faz batendo nos dentes quando ele diz *Manuela*. Tudo isso, além de outras coisas. Nem sempre eu tinha consciência de estar gravando essas informações. Algumas podiam me surpreender quando encadeadas numa sequência de pensamentos, como uma fotografia solta dentro de um álbum de viagem. Um cenário tão bonito. Como você pode ter se esquecido de que já esteve ali? Mas, na verdade, não tinha me esquecido. Esteve o tempo inteiro no mesmo lugar. Naquele lugar eu andava de olhos fechados. Era tão fácil quanto voltar à cidade da minha infância.

## A cidade

2

A CIDADE SE CHAMA Mímo de Vênus, lugar onde nasci e que mais tarde abandonei para viver em São Paulo. O motivo que me trazia de volta aconteceu no início do verão, quando meu avô morreu. No dia em que ele foi descoberto sem vida em sua cama, eu tinha acordado cedo e de bom humor. Despertei meu marido com um beijo, transamos sem pressa porque era sábado, e depois me levantei para preparar o café da manhã, cantarolando à toa. Então, quando a notícia chegou, parei de cantar e arrumei as malas para partir. Consegui o último assento disponível no voo. Tomás me encontraria no dia seguinte.

Eu tinha decidido ir embora de Mímo de Vênus por volta dos vinte anos, como em geral fazem os jovens mais ambiciosos quando nascem em lugares assim. Nós partimos e depois voltamos para visitar a família no verão. Durante aqueles poucos dias que passam depressa, acontece de encontrarmos um velho amigo e somos surpreendidos pelas modificações que ocorreram em sua vida (vai ter trigêmeos; perdeu um olho; fez transplante capilar; fez transição de gênero; mudou o nariz; virou prefeito ou criador de pombos; houve até uma pessoa que ganhou o prêmio da loteria). Assim temos a impressão de que a vida nas cidades pequenas é menos previsível e mais impressionante do que nas capitais para onde fugimos e onde raramente surge uma oportunidade de cruzar com um conhecido na rua.

Como aparecemos de vez em quando, uma outra ideia que nos assalta é a confirmação de que o tempo passa. Às vezes não encontramos uma determinada casa, então descobrimos que fora

demolida e substituída por um prédio com nome estrangeiro (*Beach Garden, La Maison d'Or, La Città*). Às vezes, por alguma razão, não é possível reconhecer alguém que durante algum tempo fez parte da nossa vida, ou então a reconhecemos, mas não lembramos seu nome, e precisamos disfarçar nosso constrangimento mantendo as conversas genéricas. Na maior parte das vezes, é possível evitar esse tipo de situação, movendo-se pela cidade com estratégia. Mas as estratégias só funcionam durante um período limitado.

Para quem fica, para quem continua morando na mesma cidade onde nasceu, é impossível se esquivar das pessoas com as quais compartilhamos toda uma vida. Nessas circunstâncias, a percepção do tempo pode sofrer com o efeito cumulativo. Como alguém que vê o próprio reflexo no espelho com frequência e não se dá conta da passagem dos anos, também uma comunidade inteira pode perder o fio da meada que separa o passado do presente e do futuro.

## O verão

3

NESSA REGIÃO, O TEMPO está sujeito às influências das massas de ar tropicais e polares. Ou seja, metade do ano faz muito calor e metade do ano faz muito frio. Só conhecemos o verão e o inverno: as amenidades da meia-estação são experiências desconhecidas. Aqui, Perséfone transita entre a vida e a morte pulando de trampolim. O que define o início do verão é a chegada dos primeiros veranistas que aparecem no final de novembro. Nessa época, as barraquinhas de milho são montadas na praia. Depois do Carnaval, os veranistas começam a partir. No mês de abril restam poucos, apenas os mais otimistas. Em maio, vários retornam, atraídos por uma nova onda de calor, intensa, porém breve. Mas então algum dia o vento esfria. Fecham-se as barraquinhas de milho. É o fim do verão.

São os veranistas que trazem dinheiro para a cidade. Então o esforço para agradá-los mantém os moradores sobrecarregados durante a alta temporada, período no qual o setor de comércio e serviços funciona de domingo a domingo. Os planos pessoais são adiados para o inverno, quando ocorre a maior parte dos casamentos e divórcios. Os casamentos acontecem na Igreja Matriz, onde há quatro décadas o pároco faz a mesma piada com os noivos: *vocês ainda têm tempo para desistir. É agora ou nunca!* As mulheres aproveitam essa época para encomendar um vestido novo. Na igreja, espreitam umas às outras para descobrir a quem pertencia cada vestido que semanas antes elas tinham espiado na costureira e secretamente invejado pela melhor escolha da cor ou modelo. O padre volta a dizer: *a porta da igreja está aberta! Vocês podem sair. Ninguém vai impedir!*

Porém, nunca houve um episódio de desistência em pleno altar. Quando um casal eventualmente desiste, isso acontece mais tarde. Nessas ocasiões, recorrem ao 1º Ofício de Registros Civil e Tabelionato de Notas e Protestos de Títulos e Documentos. Esse cartório é o que meu pai chama de *máquina de fazer dinheiro*. Fica localizado no centro da cidade, em um sobrado com gramado, jardim e um chafariz rodeado de dalias que florescem no final de dezembro. Diz-se que antigamente vinham pegar água no chafariz e por isso a tabeliã mandou desligar a sua hidráulica. Eu me lembro desse lugar como uma piscininha vazia, onde peixes de pedra com os olhos arregalados abriam as bocas para o nada como dois abobalhados. Os turistas gostavam de posar diante desse chafariz seco. Apesar de estar no centro de um terreno privado, não podiam mandar fechar o jardim porque ele também dava acesso ao cartório. Com o passar do tempo, o lugar acabou se tornando uma pracinha e as crianças pulavam dentro do chafariz sem água para brincar de corda ou disputar bolinhas de gude. A dona do cartório gritava da janela para que não pisassem nas dalias. Ao longo do ano, mandava renovar a pintura da área externa a fim de esconder os rabiscos que apareciam na fachada. Entre os que costumavam vandalizar esse prédio estávamos eu e minha amiga Ana Júlia, que era neta da dona do cartório e morava ali mesmo com sua avó. Esmagando flores de hibisco entre o polegar e o indicador, deixávamos o nosso registro naquelas paredes, escrevendo nomes e desenhando corações atravessados por flechas. Fazíamos isso com a mesma desenvoltura de uma mulher que escreve no espelho com seu batom.

Não passava pela nossa cabeça que praticávamos diversos tipos de contravenção, nem a mim, nem à Ana Júlia, que tinha planos de ser advogada. Nosso deslocamento pela cidade era livre, porém inocente; fazíamos tudo o que tínhamos vontade e bastava pular o muro baixo de uma casa de veraneio desocupada para beber água de um tanque num dia quente ou para nos abrigar de uma chuvarada. Em certas propriedades era ainda possível entrar pela porta da frente porque sem querer descobrimos onde guardavam as chaves. Durante essas incursões, experimentávamos acessórios de praia para em seguida devolvê-los às gavetas: chapéus de palha, echarpes de sedinha e óculos

de sol. Depois, avaliávamos a decoração de cada cômodo, anunciando o que gostaríamos de ter em nossa casa do futuro. Naquela época, o futuro era enorme. Eu tinha à disposição um conjunto tão grande de dias que eu podia ficar desocupada sem nenhuma sensação de desperdício. Um dia acabava dando origem a outro dia, exatamente igual, um depois do outro, depois do outro, depois do outro, como as miçangas coloridas que eu punha no elástico e depois amarrava no pulso. Essas pulseirinhas eu fazia aos montes, para passar o tempo. Fazia isso na companhia do meu avô, quando ele estava aposentado e não tinha muito o que fazer. Criamos juntos uma centena de pulseirinhas. Usamos a vida sem qualquer tipo de pressa, como somente as crianças e os velhos sabem fazer.

AMOSTRA

## A morte de Omar Baldaia

4

A VIDA PASSA RÁPIDO, como dizem. Num instante eu tinha trinta anos e meu avô estava morto. Assim, precisei ir ao cartório emitir a certidão de óbito. A senhora que me atendeu descreveu em detalhes a última vez em que o viu (naquela mesma semana!), como estava o tempo (um sol de rachar!) e em qual estado aparentava a sua saúde (lúcido e corado, caminhando direitinho!). Com isso, ela queria expressar seu espanto com a notícia (eu nem acreditei!) e compartilhar um pouco da nossa dor (era um homem tão bom!).

Meu avô morreu aos noventa anos. Não é como se ele tivesse nos feito uma surpresa e, no entanto, sim, eu entendia o que ela queria dizer. Também eu não acreditei quando soube que ele tinha partido assim, de uma hora para outra, durante a madrugada. Os velhos naquela cidade costumam nos deixar durante o inverno, depois de uma longa temporada de gripes que se agravam em pneumonias. Passam noites inteiras tossindo e escarrando em seus copinhos ao lado da cabeceira da cama e, quando morrem, é porque já passaram muitos dias demonstrando falta de apetite e vontade de viver. Sendo assim, quando finalmente acontece, não foi sem aviso.

Omar Baldaia, por outro lado, deixou-nos no início do verão, no dia 6 de dezembro, de causas, segundo consta no documento assinado pelo médico, naturais. Morreu sem ter dado indícios de que estava doente, e cada conhecido que encontramos na rua tinha uma história diferente para contar, dizendo que o tinham visto recentemente, andando direitinho com destino a algum lugar.

É como se meu avô tivesse pegado sua sacola de plástico do Minimercado Solemar, onde carregava suas coisinhas, e decidido ir embora da cidade sem comunicar a ninguém.

"Está errado", ela me disse, a senhora atendente do cartório, ajeitando com o indicador seus óculos com armação gatinha ligados a uma corrente dourada que dava uma volta em seu pescoço.

"Escreveram Osmar Baldaia", ela afirmou.

Peguei o papel para vê-lo de perto. Sim, escreveram Osmar Baldaia.

"A senhora tem razão."

Ela sorriu, satisfeita.

"Mas a senhora sabe que é Omar."

"Claro, sei sim. Conheço seu Omar desde que comecei a trabalhar aqui em 1987..."

"Então a senhora pode emitir a certidão, corrigindo o nome. Eu trouxe aqui a carteira de identidade, a carteirinha da cooperativa, a escritura da casa, a..."

"Você precisa pedir outro atestado com o nome dele correto comprovando sua morte".

"Mas dona Dalva..."

"Sim, querida."

"A senhora esteve no enterro ontem."

"Eu sei, eu sei."

Não encontrando mais o que dizer, apenas lancei à dona Dalva um olhar de súplica.

"Não posso fazer nada."

Tentei ainda uma segunda chance.

"E Ana Júlia não está? Quem sabe eu posso falar com ela..."

"Ainda não voltou de viagem. Só depois do Réveillon. Está fazendo um cruzeiro nas Bahamas! Você não viu as fotos na internet?"

Então dona Dalva puxou seu celular no mesmo minuto e temendo que ela tivesse intenções de me mostrar todas as fotografias da viagem de Ana Júlia no cruzeiro pelas Bahamas, anunciei de pronto que tudo bem, voltaria com um novo atestado nos próximos dias.

"Sim, mas venha logo! O prazo para fazer a primeira certidão gratuita é de quinze dias. Depois disso, tem uma taxa"; ela informou, estendendo-me uma tabela de letras miúdas onde me indicava o valor de trinta e nove reais e vinte e seis centavos.

AMOSTRA

## Os trâmites

5

QUANDO EXPLIQUEI À MINHA mãe o entrave a respeito do nome no atestado de óbito, ela choramingou repetindo que agora estava órfã. Tinha me falado a mesma coisa no dia anterior, enquanto o caixão descia na sepultura. Estranhei aquela palavra na boca da minha mãe. Tudo naqueles dias me parecia fora de ordem. Os trâmites começaram no sábado, quando o corpo do meu avô foi encaminhado para a funerária. O trabalho que realizam é demorado, o que eles justificam dizendo que o procedimento no verão deve ser feito com minúcia, caso contrário, a solenidade da despedida pode ser perturbada pelos efeitos do calor.

O velório teve início no domingo de manhã. Eu já estava com meu marido, que precisava voltar para São Paulo naquele mesmo dia, pois não podia faltar ao trabalho na segunda-feira. Tomás é diretor de criação em uma agência de publicidade para a qual eu presto serviços como designer. Também crio ilustrações para revistas, o que tenho feito com uma frequência cada vez menor porque o mercado editorial, segundo comentam, sobrevive em fase terminal. Tomás, apesar de bem-intencionado, não conhecia nada a respeito das normas e convenções do lugar onde eu nasci e onde costumava se sentir deslocado. Muitas das pessoas que vinham nos cumprimentar não o conheciam. Meu marido representava então uma raríssima oportunidade de requestrar velhas histórias, e ninguém desperdiçou sua chance. Inácia Marisqueira descreveu em detalhes como perdeu não um, mas os dois pés, na execução de seu trabalho. Também descreveu o funcionamento de suas próteses, que são resistentes à água e que, portanto, permitem que ela continue a recolher mariscos na

praia. Salema contou da sua visita ao Rio de Janeiro em 1972 para acompanhar sua melhor amiga no concurso Miss Brasil. Viajou como profissional de beleza, apesar de ter na época apenas quinze anos. Segundo o que ela conta, produziu uma maquiagem tão bem feita que a amiga venceu o concurso. Depois, não quiseram mantê-la na equipe quando viajaram para o Miss Universo, realizado em Porto Rico, e foi por isso que a amiga perdeu a disputa final. Já dona Berta, que há vários anos acredita ser cozinheira do Imperador (na verdade, ela trabalha na cozinha de um hotel chamado Imperial), confidenciou ao meu marido que o prato preferido de Dom Pedro II é canja de galinha. Por fim, o velho Augustino Oliveira falou sem parar ao longo de mais de vinte minutos, durante os quais meu marido não compreendeu uma palavra.

"Que língua este homem fala?", perguntou Tomás.

"Ninguém sabe."

O velório do meu avô durou um dia e uma noite, como ainda fazemos nas cidades pequenas, onde não se morre com tanta frequência e por isso podemos dar ao evento mais atenção. Aqui, temos por costume manter a mesa posta durante o dia e também durante a noite, e assim eu estava sempre me deslocando entre a capela funerária e o mercadinho, equilibrando bandejas com sanduíches de queijo, bolo e bolacha. Por conta das minhas atribuições, quase perdi a chegada de Júlia Figueira, a tabeliã, dona do cartório, que não saía jamais de sua casa e por isso a chamávamos de Velha Coruja.

"Espia só, a Velha Coruja", sussurrou minha mãe, quando me viu chegando com duas sacolas da rua.

"Sônia, hoje não", interveio meu pai, que não costumava tratar minha mãe pelo nome, preferindo usar o apelido adotado nos tempos de namoro e que ao longo dos anos acabou se naturalizando aos meus ouvidos (chamavam-se um ao outro de *coração*).

Minha mãe revirou os olhos. Detestava Júlia Figueira que, segundo suas palavras, tinha tentado *fisgar* o meu avô *a todo custo*. Viúva de um, divorciada de dois, a Velha Coruja estava sempre carregada de maquiagem e coberta de joias, as pulseiras de ouro tirintando no pulso com crescente agitação conforme avançava o mal de Parkinson. Sempre tinha um cigarro aceso tremendo na ponta dos dedos. Quando a doença começou a se agravar, ela se trancou no